



FIM DE FESTA

Mario Sérgio Saraiva FERREIRA¹

Recebido: 08/04/2019

Aprovado: 20/05/2019

Se toda noite se torna mais escura antes do amanhecer, não o era naquela rua. As luzes recém instaladas no final da avenida davam a aparência de um eterno e insólito luar, talvez não tão esplendoroso quanto o natural, pois não vejo beleza nas luzes artificiais. O certo é que toda aquela claridade refletia a época dourada que vivíamos em Breves durante a nossa juventude. Dias de festas muito mais animadas, onde frequentávamos o Guanabara, que era a maior casa de show da época e ficava na Castilhos França; os bares da Curica badalavam toda a cidade, mas na Maloquinha a festa ia até o sol raiar.

E tudo era muito bom e tranquilo porque não tínhamos essa violência que se alastrou pelos dias de hoje. Podia se dançar, beber, namorar e se divertir muito sem nos preocuparmos em sofrer alguma violência na volta para casa. Vez ou outra surgia uma briga nos bares e nas festas geralmente era protagonizada por algum valentão bêbado que não continha o controle do álcool sobre suas ações, e acabava por provocar uma verdadeira guerra de garrafas. Eram garrafas de vidro voando em todas as direções, quebrando cabeças, ferindo braços e outros membros com seus estilhaços. O desespero era total, mas não se engane a ponto de confundir tais brigas com a violência gratuita que sofremos hoje em dia.

Aquela cidade era maravilhosa, ou aqueles tempos naquela cidade eram maravilhosos. Não morava tanta gente, portanto ela não era tão grande. A nossa casa ficava no final da Avenida Rio Branco, bem ao lado da casa onde foi construído o prédio do Cedep, que à época ainda não existia. Valmir e eu estávamos recém-casados, e costumeiramente voltávamos tarde das festas aos finais de semana, sempre andando a pé em um numeroso grupo de amigos, pois os filhos da comadre Piedade, madrinha da nossa primeira filha, estavam sempre nos acompanhando, assim como diversos outros amigos.

No entanto, naquela noite Valmir e eu estávamos voltando sozinhos. Por algum motivo que memória não me permite lembrar, Bené, filho mais velho da comadre Piedade, precisara voltar mais cedo para sua casa e os demais companheiros de “volta para casa” optaram por continuar aproveitando o final da festa. Como essa volta nunca antes representara perigo algum, decidimos tomar o rumo do nosso lar. Ainda faltavam aproximadamente duas horas para o dia amanhecer.

¹ Discente do curso de Letras - Universidade Federal do Pará - Campus do Marajó Breves. FERREIRA, Mario Sérgio Saraiva. Fim de festa. In: *Revista Falas Breves*, no.7, setembro de 2019, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069

Sáímos do Guanabara e o percurso até nossa casa nos consumiria cerca de vinte e cinco minutos a pé, porque mesmo bicicletas ainda eram pouco usadas naquela época.

Seguimos pela Castilhos França no sentido do cemitério de Santa Rita, dobramos ao lado, da ainda construção do ginásio Ferdinando Costa e Silva, e pegamos o acesso à avenida para evitarmos passar mais próximo ao cemitério àquelas horas da madrugada. Agora, andando a passos mais apressados rumamos para o final da rua onde ficava nossa casa. Fomos nos aproximando e à medida que chegávamos mais perto, começamos a notar uma silhueta próximo à caixa que protegia a entrada do poço de água da comadre Piedade. O que antes era apenas uma silhueta foi tomando a forma de um ser humano. Um tanto bizarra, por assim dizer, a maneira como aquela pessoa estava vestida com um casaco todo preto que descia até os joelhos, todo no estilo de couro; a calça seguia a mesma cor e estilo do casaco; nos pés calçava botas modelo coturno, geralmente usado por militares; os cabelos eram de um loiro quase branco, os quais sob aquela luz branco-amarelado que irradiava dos postes dava a ele uma aparência espectral e muito sinistra. Quando passamos ao seu lado Valmir imaginou que fosse Sônia, filha da comadre Piedade, ele então lhe disse ironicamente:

– Ei, Sônia, tá vigiando o poço pra não roubarem a água?

O ser respondeu com uma voz grossa e pesada:

– Eu não sou mulher!

Valmir pensou que fosse Bené e já imaginando que o amigo voltara mais cedo somente para lhes pregar aquela “peça”, aproximou-se mais e disse:

– Mas tu não tens o que fazer, né, Bené? Usando peruca e essa roupa esquisita como se fosse carnaval.

O ser retrucou com a mesma voz de antes, sem nem mesmo levantar a cabeça:

– Eu não sou homem!

Valmir, que tinha a paciência muito curta para certas coisas, já perguntou em ponto de briga:

– Mas se tu não és homem e nem mulher, que diabos és tu, então?

A criatura nada respondeu, somente fez um gesto com o braço, algo semelhante a um aceno sinalizando para que passássemos direto. Valmir agora muito enfurecido, falou ao ser estranho:

– Me espera aí, palhaço, que eu vou já buscar o meu terçado aqui em casa e descobrir que diabo és tu.

E correu para dentro de casa a buscar o prometido. Eu nem tive tempo de acompanhá-lo, fiquei estática em frente ao nosso portão, Valmir vinha esbravejando coisas indizíveis e passou correndo por mim, com o terçado na mão.



De onde estava, paralisada, vi o ser levantar-se calmamente de cima da caixa do poço e sair caminhando tranquilo e lentamente com as mãos no bolso do casaco. E Valmir desembestou-se a correr atrás daquilo, porém não o alcançava. Não estranhe, é exatamente isso, era como se o ser andasse em uma frequência temporal diferente da nossa, pois enquanto ele seguia caminhando normalmente Valmir, sem sucesso, tentava alcançá-lo na mais veloz das carreiras. Eu, agora trêmula, rezava para que Valmir não o alcançasse, pois certamente aconteceria alguma desgraça. Ele cortaria aquele ser que dizia não ser um homem, ou sei lá o que o estranho poderia fazer a ele, pois diante do que estava presenciando era visível que aquilo seria algo bem mais que insólito, era uma espécie de ser sobrenatural e aparentemente demoníaco, o que não soava nada do bem.

Decerto, naquele momento o álcool das cervejas que havíamos consumido durante a festa em nada mais fazia efeito sobre nossas mentes. E a caçada implementada por Valmir atrás do ser bizarro continuava implacável. Até que ele dobrou na rua Coronel Portilho, ao lado do, agora extinto, Bar do Porto, indo na direção do bairro Riacho Doce. Finalmente consegui gritar para que Valmir desistisse da empreitada. Em nossa marcação de tempo acho que não se passou mais de um segundo entre o instante em que o ser dobrara a esquina e o momento que Valmir a alcançara, e ainda sem a menor explicação lógica ou qualquer tempo racionalmente suficiente para esconder-se aquele ser desapareceu.

Ainda tentando recompor minhas forças físicas e mentais, de onde estava não pude deixar de notar um morcego de proporções descomunais, que ao abrir suas asas certamente media mais de dois metros de uma ponta a outra, saindo da direção em que sumira a criatura. Valmir voltava suado por conta da carreira, lamentando-se por não haver conseguido alcançar o ser. Enquanto isso, atrás dele o morcego gigante voava atravessando a Avenida e sumia na escuridão dos primórdios do bairro Aeroporto.